

A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO ÉTICO-POLÍTICO DO SER HUMANO

Alex Martins Lima¹

Prof. Canício Scherer²

RESUMO

O presente artigo trata da importância do cuidado no processo de transformação ético-político do ser humano na perspectiva da ética do cuidado, que é a base das ações e comportamentos do homem na sociedade. Apresenta, ainda, a formação da consciência humana a partir das relações sociais e discute sobre sua ética, suas responsabilidades e o cuidado necessário que o ser humano precisa ter quanto ao meio ambiente, à sociedade e a sua própria vida. Para compreendermos a forma pela qual o ser humano consegue tal transformação, será feita uma pesquisa exploratória bibliográfica de obras filosóficas de diversos autores que dissertaram sobre este assunto e que possibilitará, a nós, o conhecimento da formação da consciência dos indivíduos nas relações sociais e, a partir delas, apresentar ideias de como o ser humano pode vir a ser um agente transformador de sua realidade, indicando as condições possíveis sobre a ética e o cuidado do homem quanto à responsabilidade de cuidar do outro dentro do convívio social.

Palavras-chave: Ética. Cuidado. Responsabilidade. Sociedade.

ABSTRACT

This article deals with the importance of care in the process of ethical-political transformation of the human being from the perspective of care ethics, which is the basis of man's actions and behaviors in society. It also presents the formation of human consciousness from social relations and discusses its ethics, its responsibilities and the necessary care that the human being needs to take regarding the environment, society and his own life. In order to understand the way in which the human being achieves such transformation, an exploratory bibliographical research of philosophical works of several authors who have dissertated on this subject will be made and that will allow us, the knowledge of the formation of the conscience of the individuals in the social relations and, From them, present ideas of how the human being can become a transforming agent of his reality, indicating the possible conditions on ethics and the care of man regarding the responsibility of taking care of others within social life.

Keywords: Ethics. Watch out. Responsibility. Society.

¹ Graduando do curso de Filosofia da Católica de Vitória. alex@m.lima@hotmail.com

² Licenciado em filosofia (PUC/PR), Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Filosofia-Ética. prof.canicio@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O contexto ético, social e ambiental da atualidade demanda uma série de preocupações relacionadas ao modo de vida do ser humano. A realidade dos fatos, sugere ser esse um momento oportuno para sobrelevar o cuidado como constituinte da ética do ser humano. Então, este trabalho é desenvolvido para ressaltar a importância do cuidado no processo de transformação ético-político do ser humano e compreender de que forma os indivíduos de uma sociedade podem se tornar agentes transformadores da realidade.

Esta pesquisa discorre sobre o homem na perspectiva da ética do cuidado, como aquele que assume suas responsabilidades com a intenção de planejar, construir e manter um mundo melhor por meio de sua ética e de seu cuidado.

Neste sentido, buscamos compreender a forma pela qual o ser humano pode se tornar um agente transformador da realidade através dos resultados levantados pela pesquisa sobre a ética do cuidado e com o intuito de chamar a atenção a respeito das ações humanas em relação ao mundo que nos cerca, observando as relações sociais e a maneira com que as pessoas lidam com as coisas e situações.

À luz da ética do cuidado, objetiva-se apresentar as possibilidades éticas do ser humano e indicar ideias que contribuam para um caminho e que apontem para uma sociedade mais justa, pois nota-se na sociedade, que, muitas vezes, não se tem o respeito e nem o cuidado necessário para lidar com o diferente, esse comportamento também é perceptível com o meio ambiente e entre os indivíduos nas relações sociais.

Como alternativa para solucionar o problema e ter uma sociedade que possibilita a preservação do meio ambiente e o bem estar de todos os seus indivíduos, é preciso que cada membro se torne um agente transformador de sua realidade, mas isso só será possível a partir do momento em que o ser humano adquirir a consciência de que é responsável na edificação ética-moral da sociedade e aplicar a ética do cuidado nas suas ações, pois o cuidado faz parte da sua essência.

Para um resultado mais eficaz, analisamos brevemente a formação da consciência humana, a ética do cuidado e as ações do ser humano como ferramenta principal no processo de transformação da sociedade a partir das relações sociais. Contudo, a pesquisa foi centrada no indivíduo e na sociedade, pois ela intervém no processo da

formação humana, fazendo com que o ser humano desenvolva suas atividades em prol de seus interesses.

A pesquisa exploratória possibilita apresentar o resultado das análises, evidenciando a responsabilidade do indivíduo na sociedade, o seu caráter ético-social e a essência de sua identidade como ser do cuidado.

Os artigos e obras filosóficas de alguns autores renomados como Leonardo Boff, Martin Heidegger, Emmanuel Lèvinas, Hans Jonas e outros, foram analisadas e delas colhidas as informações necessárias para a pesquisa sobre o cuidado, sobre a responsabilidade, a ética, as relações humanas, entre outros assuntos que possibilitaram a compreensão de como o ser humano pode ser um agente transformador da realidade e, a partir do resultado, mostrar como o homem se vê na sociedade, bem como sua ética e sua responsabilidade em relação ao mundo ao desempenhar o seu papel social.

Fica evidente a convicção de que, por pouco que seja o cuidado que aplicamos no meio em que estamos inseridos, associado com a responsabilidade de nossas atitudes, é fundamental para preservar o bem-estar social e a vida.

Portanto, a finalidade é apresentar o cuidado como residência da essência humana, como mais fundamental que a razão e a vontade, destacando diversos tipos de cuidados, tais como: o cuidado com a família, com os pobres e marginalizados, com a propriedade privada, com o meio ambiente, com o planeta Terra, enfim, com a vida.

2 A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO ÉTICO-POLÍTICA DO SER HUMANO

2.1 O SER HUMANO COMO SER DE RELAÇÕES

O grande desafio da vida humana é, segundo Sung e Silva (2009), o processo de construção que o ser humano deve fazer dele mesmo pois afirmam que o homem não nasce pronto, constrói ou conquista o seu ser. Por esse motivo, se difere dos outros animais, mas temos necessidades em comum, como: beber, comer, dormir, respirar, etc., porém o que determinante ao ser humano é que a solução para suas necessidades e vontades não são determinadas pela natureza.

Segundo Rousseau (2002), o homem nasce livre, mas está impossibilitado de exercer sua liberdade e, ainda, julga-se maior que os outros, sendo escravo como os demais. Para a vida social, os seres humanos estabelecem entre si uma ordem social que serve de base a todos e garante seus direitos. Esse acordo é fundamentado nas convenções para organizar a vida social.

Para Rousseau (2002), a família é a única sociedade natural, onde as crianças ficam sob os cuidados do pai até ficarem independentes. Caso fiquem unidos pelo resto da vida, já não é mais de forma natural e, sim, por um acordo estabelecido entre eles para permanecerem juntos.

O amor do pai é retribuído pelos cuidados dos filhos, diferente do chefe do Estado que não possui sentimento pelo seu povo e substitui este amor pelo prazer de comandar, visto que “É a família, portanto, o primeiro modelo das sociedades políticas; o chefe é a imagem do pai, o povo é a imagem dos filhos, e havendo nascido todos livres e iguais, não alienam a liberdade a não ser em troca de sua utilidade” (ROUSSEAU, 2002, p. 12).

Rousseau (2002), afirma que pelo fato de nenhum homem possuir autoridade natural sobre o outro, as convenções servem como base para legitimar a autoridade entre os homens. Com isso, o ser humano abre mão de sua condição natural para garantir sua vida e seus direitos na sociedade.

Ao renunciar a sua liberdade, o homem, renuncia a qualidade de ser homem, aos direitos da humanidade e seus deveres. Para Rousseau (2002), esta renúncia é incompatível com a natureza do homem. Diante desta mudança, do estado natural para o estado social do ser humano, foi necessário um pacto social, uma espécie de contrato, que possibilitou, segundo o mesmo Rousseau (2002, p. 24):

Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja de toda força comum a pessoa e os bens cada associado, e pela qual, cada um, unindo-se a todos, não obedeça portanto senão a si mesmo, e permaneça tão livre como anteriormente.

Neste contrato, as cláusulas eram determinadas pela natureza do ato, e que quaisquer alterações o tornava inválido. De acordo com Rousseau (2002), todas as cláusulas favoreciam a comunidade e se resume na alienação total de cada associado com todos os seus direitos para a vida social.

Sung e Silva (2009), alegam que o fato do ser humano ter uma certa liberdade, ocasiona o problema da responsabilidade, pois, se os indivíduos não vivem de forma natural, então, tornam-se responsáveis pelos problemas nas relações sociais e com a natureza.

Portanto, o ser humano deixa o que é de sua natureza e torna-se um ser social, desenvolvendo, necessariamente, um cuidado-ético para que a vida na sociedade não se torne um caos. De fato, o homem deve ser responsável por suas ações, pois elas comprometem a sua vida nas relações com outras pessoas (BOFF, 2008).

O professor de sociologia Stélio Nunes da Rocha, apresenta, em seu artigo *Indivíduos e a Sociedade: que tal discutir essa relação?* (2010), a ideia de Karl Marx (1818-1883), relatando que a relação do indivíduo na sociedade é baseada na luta entre as classes sociais e está diretamente ligada à produção de bens e produtos, afirmando que a relação estabelecida entre um indivíduo da classe “A” e o outro indivíduo da classe “B” é o que forma a existência social humana, e esta relação pode mudar de acordo com os interesses de cada um.

Ainda de acordo com a pesquisa do professor Rocha (2010), esta relação entre indivíduos de classes diferentes é justificada pelo trabalho, cuja intermediação acontece por meio das leis trabalhistas impostas pelo Estado, o qual cria as condições que permitem este relacionamento, definido, assim, como luta entre as classes.

Noutra perspectiva, num trabalho apresentado pelo professor Edinilson Moraes (2012), Max Weber (1864-1920), afirma que a relação do indivíduo e a sociedade acontece de modo recíproco, sendo a ação social o meio de relacionar e comunicar com o outro.

Segundo Moraes (2012), para Weber, as relações sociais diz respeito à ações de diversas pessoas dotadas de sentidos mutuamente relacionados, como por exemplo, numa família, onde a conduta de um dos membros se orienta para sentidos compartilhados por todos, e são classificadas de modo comunitária, quando existe afeto e sentimentos, e de modo associativa de acordo com base nos interesses e objetivos de cada indivíduo.

Partindo destas informações de Moraes (2012), constata-se que o ser humano, necessariamente, precisa do outro para o relacionamento social e para o convívio

em sociedade, pois não há relacionamento em sociedade que não seja com uma ou mais pessoas. Neste sentido, cada indivíduo precisa desenvolver suas atividades com responsabilidade, pois suas ações implicam direta, ou indiretamente, na vida de outras pessoas de sua sociedade.

Na obra de Aristóteles, *A Política*, o filósofo diz que “É evidente, pois que a cidade faz parte da natureza, que o homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade” (ARISTÓTELES, 1957, p. 14). Portanto, a sociedade surgiu pela necessidade do ser humano garantir sua sobrevivência e possuir uma vida feliz. A natureza, vista como fim das coisas, faz com que cada ser encontre em si mesmo a razão de ser (ARISTÓTELES, 1957).

Segundo o estagirita, o ser humano, diferente dos outros animais, ao sair dessa condição natural, é compreendido como um animal sociável pela sua capacidade de julgar o que é bom e ruim, certo e errado, justo e injusto e pela necessidade de relacionar-se com os outros. Dessa forma, é constituída a “família do Estado” (ARISTÓTELES, 1957).

Sendo assim, de acordo com Aristóteles (1957), o Estado vem antes dos indivíduos e das instituições, perante a ordem da natureza. Se o indivíduo não estiver integrado na sociedade ele perde o seu sentido. Portanto, a natureza do homem força-o a se relacionar com os outros e a praticar a justiça, que é a base da sociedade, por meio da virtude e da prudência.

Aristóteles (1957) prioriza o bem estar da *polis*, pois para ele a cidade é, como forma última da comunidade humanidade, lugar aquela que permite uma vida melhor aos homens.

A sociedade constituída por diversos burgos forma uma cidade completa, com todo os meios de abastecer por si, e tendo atingido, por assim dizer, o fim que se propôs. Nascida principalmente da necessidade de viver, ela subsiste para um vida feliz (ARISTÓTELES, 1957, p. 13).

Aristóteles (1957) afirma, ainda, que na sociedade é impossível não participar de nada, porque a sociedade política é um tipo de comunidade, tendo ao menos o território em comum, como lugar de unidade e pertencente a todos os cidadãos.

Depreende-se que é necessário acontecer a reciprocidade nas relações, pois um indivíduo só terá êxito se tiver um relacionamento mútuo com outro. Isso deve ser

comum entre as pessoas para que todos tenham seus direitos preservados e garantidos.

Na relação social os indivíduos não podem agir de qualquer maneira. Eles precisam de uma ética geral, ou seja, que vale para todos, de modo que organize todo sistema da sociedade.

Para Lima Vaz (1999), existe um paradoxo residente na violação de uma lei do processo de criação cultural, presente na origem do fenômeno histórico do *ethos* e que prescreve ao ser humano como criador de seu mundo (cultura) e da necessidade de uma ordem normativa de sua atividade criadora de bens e fins que atendam sua auto realização. O *ethos* só existe na *práxis* dos indivíduos e possui estruturas social e individual, “[...] sendo um fenômeno cultural, é constitutivamente social” (VAZ, 1999, p. 39).

Na obra *Ética e Política em Aristóteles*, Solange Vergnières (2003), constata que o *ethos* é um termo que exprime um acordo entre a natureza particular e a norma social, seja pelo costume ou pela lei.

Ela afirma que o estagirita refletiu sobre a especificidade da ação e da prática em torno do conceito do *ethos* que ampliou e aprofundou os campos nos seus estudos que lhe são próprios e forjou a ética como disciplina fundada na determinação da virtude do caráter, mas, segundo a autora, não é evidente a elaboração de uma ética autônoma, pois, para Aristóteles, é necessário um princípio de responsabilidade humana e virtude intelectual da prudência para um saber se conduzir, que diz respeito ao hábito (VERGNIÈRES, 2003).

A grande originalidade de Aristóteles foi a de ter compreendido que o hábito é o que permite, ao mesmo tempo, interiorizar uma norma inculcada do exterior pela sociedade, e descobrir normas racionais para a ação. Esta compreensão tornou-se possível porque a filosofia moral de Aristóteles integra a dimensão do tempo, da duração: seu horizonte é o da vida inteira, que se trata de “bem viver” (VERGNIÈRES, 2003, p. 72).

Segundo Lima Vaz (1999, p. 39), “O *ethos* é a morada do animal e passa a ser a “casa” (*oikos*) do ser humano”, casa espiritual que emana para à casa material, entrelaçada por relações afetivas, éticas e estéticas que vai além das finalidades utilitaristas e integram ao plano humano da cultura, constituída pela ética.

Nas palavras de Solange Vergnières (2003, p. 76), “Para o animal, o *ethos* é caráter natural da espécie [...] que se manifesta por seus comportamentos (*ethe*); não é

produto do hábito, mesmo se Aristóteles, reconhece que certos animais podem adquirir alguns hábitos”.

Diferente dos animais, o ser humano pode adquirir várias qualidades éticas, pois o *ethos* é individual para o homem. De acordo com Solange (2003), Aristóteles definiu o bom temperamento como constituição particular para cada indivíduo realizar suas atividades da espécie humana, o bem viver.

De acordo com Boff (2011), a ética faz parte da filosofia e caracteriza o indivíduo que se orienta por seus princípios; e a moral é da vida concreta do ser humano e se mostra em suas ações conforme seus costumes e valores determinados. De acordo com o autor, a ética deriva da palavra *ethos* que é considerado constituição da morada humana e sinônimo de ética, o qual é “[...] o conjunto ordenado dos princípios, valores e das motivações últimas das práticas humanas, pessoais e sociais. *Ethos*, significa também o caráter, o modo de ser de uma pessoas ou de uma comunidade” (BOFF, 2011, p. 39).

Segundo Lima Vaz (1999), o *ethos* resiste ao tempo e as mudanças das tradições, porque as gerações transmitem seus valores às gerações seguintes que, inclusive, captam novos valores e se adaptam a novas situações, assim a historicidade do *ethos* é exprimida como necessidade instituída.

O *ethos* não é uma grandeza cultural imóvel no tempo, mas, como a própria cultura, da qual é a dimensão normativa e prescritiva, revela um surpreendente dinamismo de crescimento, adaptação e recriação de valores, quando os chamados “conflitos éticos” desencadeiam no seu seio síndromes de *crise* cujo desfecho é, em geral, a invenção de uma nova forma ética de vida (VAZ, 1999, p. 41).

Para Lima Vaz (1999), o costume é a forma com que o *ethos* se apresenta socialmente e é codificado em leis e instituições. Dessa forma, o *ethos* é tomado pelo indivíduo como hábito de onde provém por repetição dos atos configurados segundo a natureza.

O filósofo afirma que o costume é assegurado pela tradição e o hábito é apreendido pela educação. O primeiro é visto como tradição universal abstrato que se particulariza na vida dos indivíduos e sua singularidade está na *práxis* concreta, onde o indivíduo, através do segundo, efetua ou nega os valores adquiridos mediante a educação (VAZ, 1999).

Dessa forma, Morais (2012) mostra que Max Weber compreende que a ética de um determinado grupo, tipo de escolar, familiar ou de alguma outra instituição, aquela transmitida pela tradição, é passada de um para outro ou de pais pra filho, como princípios de valores, que também pode ser influenciada pela ética social e ajuda manter a sociedade organizada, pois é imposta através das leis constituídas pelo Estado, de modo que o mesmo possa controlar as ações dos indivíduos na sociedade aplicando penalidades àqueles que não desempenharem da forma que está prescrito, evitando, assim, anormalidade nos comportamento dos indivíduos.

2.2 AS RELAÇÕES SOCIAIS, A ÉTICA E O CUIDADO

A ética é o fundamento do conjunto de normas e regras que regem o comportamento do ser humano e que diz respeito aos valores e princípios existentes em qualquer grupo ou na estrutura de uma realidade social, pois é por meio do contato direto intersubjetivo que a sociedade sobrevive e evolui. No entanto, a conduta ética não é inata ou natural, mas aprendida, fruto do hábito, conforme leciona Aristóteles (2015, p. 41).

[...] a virtude moral resulta do hábito [...] é evidente que nenhuma das virtudes morais é gerada por natureza, pois nenhuma coisa que existe por natureza torna-se diferente pelo hábito [...] é natural para nós recebê-las, e nos aperfeiçoamos pelo hábito.

Segundo o estagirita, “[...] a realização moral do homem está inserida na realização política da *polis* [...]” (ARISTÓTELES, 2015, p.7), ou seja, na cidade, ou ainda, podemos dizer também, na sociedade, lugar onde os indivíduos se relacionam mutuamente. Para uma vida em sociedade, o ser humano abre mão daquilo que lhe é particular e se adapta à realidade do seu grupo social e/ou da sociedade em que está inserido.

Resulta daí que toda ação é política, pois tudo o que o ser humano faz, interfere, direta ou indiretamente, na vida dos indivíduos que estão à sua volta. Nas relações sociais, cada indivíduo precisa observar o seu próprio comportamento para que, ao se relacionar com os outros ou com qualquer outra coisa, não seja responsabilizado pelos seus atos, isto é, punido por não estarem de acordo com os critérios estabelecidos para uma vida social, dessa maneira, deve dispor de uma vida pautada na ética e no cuidado para com o espaço comum, pois são necessários na

convivência social, nas relações humanas e com as demais coisas existentes no mundo.

2.2.1 A natureza do cuidado e suas implicações na sociedade

Leonardo Boff (2008), ao fazer a fenomenologia do cuidado, observa que podemos pensar e falar, a partir, do cuidado, vivenciado e estruturado no ser humano, pois somos cuidado. Isso significa que o cuidado é uma dimensão ontológica da constituição estrutural humana.

Na definição de cuidado, de acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio (1996, p. 507), lê-se:

[...] atenção; precaução, cautela; diligência, desvelo, zelo; encargo, responsabilidade, cargo; inquietação de espírito; pessoa ou coisa que é objeto de desvelo; (*Adj.*) pensado, imaginado, meditado; previsto, calculado, suposto; (*Interj.*) atenção, cuidado, cautela.

Boff (2008) afirma que alguns estudiosos, incluindo Heidegger, dizem que cuidado vem do latim *cura* que, numa forma mais antiga, se escrevia *coera*, utilizada para designar as relações de amor e amizade, e, que representava, identicamente, um ato de cuidado, de preocupação e inquietação pela pessoa amada ou o pelo objeto estimado. E acrescenta:

O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar do seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida (BOFF, 2008, p.91).

Ter cuidado é ter atenção especial a tudo que se quer bem. Para o ser humano o bem mais precioso é a vida, e por isso é obrigação cuidar desse bem tão valioso, primeiramente, a própria, depois a do semelhante e a dos demais seres vivos (BOFF, 2008).

Cuidar do outro torna-se fundamental, pois o homem se reconhece no outro. Diferente dos animais, a espécie humana é dotada de afeto que “o obriga” a assumir tal responsabilidade (BOFF, 2008). Para Leonardo Boff (2008), o cuidado como essência estrutural do homem, faz com que o homem tenha a obrigação natural de cuidar, principalmente, do outro, que é ser humano como qualquer um e merece ter o cuidado necessário, independentemente de sua situação ou classe social.

Sendo assim, o cuidado é estar com os outros e isso não significa um relacionamento isolado do *eu* consigo mesmo. O *Dasein*, o qual Heidegger nos fala,

cuida do mundo das coisas e nos torna responsáveis pelos outros (HEIDEGGER, 2009).

Heidegger (2009), rompeu com a filosofia da escolástica medieval e traçou um novo caminho, a partir de Husserl, ao pensar existencialmente o *Dasein*, ou seja, o ser-aí: o homem enquanto ente, presença imediata no mundo. Christian Dubois (2004, p. 43) diz que “Ser, para o *Dasein* é ser no cuidado, isto é, ser no cuidado do ser”. Dessa forma o ser do *Dasein* é projetado como existência e depois, como cuidado (*Sorge*). Como a existência também significa essência, o cuidado é a essência da existência (HEIDEGGER, 2009).

Para o filósofo alemão, o ser é sempre aberto ao outro no mundo por meio das relações. Isso possibilita ao ser humano a convivência na sociedade e permite que cada indivíduo possa ser com o outro, assumindo o dever do cuidado consigo mesmo e a responsabilidade de promover o outro, dando-lhe dignidade como pessoa humana (HEIDEGGER, 2009).

Sobre o cuidado, leciona Leonardo Boff (2008, p. 34)

O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano [...] sem o cuidado ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado desde seu nascimento até sua morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. Se, ao longo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, irá prejudicar a si mesmo e por destruir tudo o que está à sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (BOFF, 2008, p.34).

Inspirado em Heidegger, afirma Boff em Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra, que “cuidado significa um fenômeno ontológico-existencial básico’ Traduzindo: um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana” (BOFF apud HEIDEGGER, 2008, p. 34), e este fenômeno é experimentado ou percebido através dos modos que determinam a presença como sendo de um jeito de ser ou de outro de estar no mundo, nas relações sociais.

Boff (2008) ainda pontua que a ética do cuidado permeia o homem pelo fato dele ser um ser de necessidades e de participação. Por ter necessidades (comer, beber, vestir, locomover, etc.), ele se torna consumista. E pela sua participação, ele é sujeito das relações sociais. Por causa de suas necessidades, o ser humano precisa criar interação com outras pessoas para conseguir o que quer.

Desse modo, para Boff (2008) é necessário aplicar a ética do cuidado, exercendo seus deveres para garantir seus direitos, no cumprimento do acordo estabelecido socialmente por meio das regras e normas.

Como ser de cuidado e tendo nele a sua essência, o ser humano é ser-no-mundo-com-outros, constrói seu habitat, ocupa-se com as coisas e se preocupa com as pessoas, valorizando aquilo que tem importância para ele (BOFF, 2008).

Portanto, segundo Boff (2008), a ética do cuidado se torna primordial na vida do ser humano em todos os seus aspectos, seja nas relações sociais, seja com meio ambiente, ou em qualquer outro tipo de relação. O ser humano pratica, mesmo sem querer, a ética do cuidado, como condição de sobrevivência e como exigência antropológica fundamental e primeira, sem o cuidado o homem não é pleno, pois “colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano” (BOFF, 2008, p. 35).

Segundo Leonardo Boff (2008), o cuidado provoca aos seres humanos a se tornarem responsáveis por tudo que existe no mundo. Além de cuidar de si mesmo cada indivíduo é responsável de cuidar do meio ambiente, preservando a natureza e os seres que nela vivem, evitando desmatamento, a poluição do ar, a contaminação do solo e das águas dos rios e mares.

O cuidado implica cuidar das outras pessoas, principalmente, das mais vulneráveis, como os pobres, excluídos e marginalizados, pois também merecem a dignidade por serem humanos. São tantas as pessoas que sofrem por causa da desigualdade social, e que, pela falta de instrução e oportunidades vivem às margens do convívio social, abandonadas e desassistidas pela sociedade e, literalmente, esquecidas. O cuidado implica, ainda, uma mudança de hábito (BOFF, 2008).

Para maior eficácia na preservação da vida humana e do planeta, Boff (2008) afirma que o ser humano deveria ser reeducado à ética do cuidado para ser mais consciente de suas responsabilidades. É necessário deixar de agir por obrigação e adquirir um novo jeito de ser, de modo, que as atitudes sejam condizentes à sua própria natureza, fazendo com que a essência do homem, o cuidado, não seja deixado de lado ou simplesmente abandonado e esquecido.

Os organizadores da obra comemorativa dos cem anos de nascimento de Levinas, Alteridade e Ética, Souza, Farias e Fabri (2008), afirmam que Levinas “desvendou” o

eu, fazendo com que a modernidade perdesse o fundamento que sustenta o seu modo de ser e revelou a fragilidade que cobria a cultura moderna e suas instituições. Desconstruiu o pensamento moderno apresentando a alteridade como uma nova alternativa de pensar o ser da pessoa, da sociedade e da cultura, ou seja, o outro ser humano.

Souza, Farias e Fabri (2008), reconhecem que o outro sempre esteve presente no pensamento ocidental, porém as abordagens da alteridade na história da filosofia consideravam a alteridade como secundária e complementar nos sistemas filosóficos.

Segundo os organizadores da obra, a presença diluída da alteridade humana contribuiu para que ela fosse considerada como categoria residual no pensamento filosófico e a presença periférica do outro possibilitou significar a alteridade como componente acessório e instrumental dos sistemas filosóficos (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008).

Esta referência à alteridade proporcionou considerar o outro como apêndice do eu e caracterizou sua função em adornar reflexões éticas, política ou teológicas, e não se reconheceu como categoria capaz de colaborar no conjunto da construção de uma cultura, “Não se imaginou que a alteridade pudesse ter uma dimensão metafísica que possibilitasse entender o ser humano, a sociedade e a história a partir do outro” (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008, p. 119). Com isso, a alteridade foi ignorada e passou a ser considerada parte do conjunto de um pensamento filosófico.

Eles ainda afirmam que é preciso ressignificar o sentido da alteridade humana, fazendo dela um novo modo de ser pessoa, sociedade e cultura. Dentre os filósofos mais conceituados que trataram a questão da alteridade, para Souza, Farias e Fabri (2008), Levinas é quem apresenta o conceito mais sólido e relevante, pois inverte o sentido do eu moderno e coloca como uma existência relativa a um outro.

Levinas denuncia e argumenta que a existência do eu moderno é uma ficção de nossa cultura ocidental. Não existe um eu em estado de natureza, como não existe uma natureza do eu a não ser a partir do outro. A existência primeira de um natural, completo e autônomo é uma ilusão conceitual da cultura ocidental que não é real. O eu só existe a partir do outro (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008, p. 133).

De acordo com Souza, Farias e Fabri (2008), Levinas, então, revela o eu à partir do outro, que existe por meio da subjetividade histórica, negando a condição subjetiva transcendental de modo universal, a qual iguala os homens com a mesma essência,

confirmando que o sujeito, por ser um sujeito histórico, possui sua constituição subjetiva formada na relação com o outro.

O outro é a condição de possibilidade da existência subjetiva pois, sem a presença do outro, a subjetividade perderia suas condições necessárias para ser. Não existe primeiro o eu para depois se relacionar com o outro, como sustenta a modernidade. O eu se constitui sempre a partir da relação com o outro. Por isso a alteridade é a condição primeira do ser e da existência da subjetividade (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008, p. 134).

Percebe-se, então, a importância do cuidado na relação social, pois “o outro é o que possibilita o ser e o existir do eu” (SOUZA; FARIAS; FABRI, 2008, p. 134).

Segundo Leonardo Boff (2008), pelo diálogo os seres humanos constroem suas relações com o mundo, onde somente o eu se constitui com outro que é a impossibilidade da indiferença, pois o outro força o eu a tomar posições pela provocação, principalmente o outro que é pobre, marginalizado e excluído, porque nesta condição se estabelece as relações primárias e definem a condição de dominação ou cooperação, gerando, assim, a ética perante o outro.

Portanto, de acordo com Boff (2008), o cuidado com o outro possibilita a manifestação das diferenças, não mais vista como desigualdade, mas como algo valioso da substância humana, “Essa convergência na diversidade cria espaço para uma experiência global e integrada da nossa própria humanidade, uma maneira mais cuidada de ser” (BOFF, 2008, p. 140).

2.3 O SER HUMANO COMO AGENTE DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

O ser humano é o ser-aí, ou seja, “lançado no mundo”, por isso torna-se responsável por tudo o que há no mundo. “Estar lançado, porém, é o modo de ser de um ente que sempre é ele mesmo as suas possibilidades e isso de tal maneira que ele se compreende nessas possibilidades e a partir delas (projeta-se para elas)” (HEIDEGGER, 2009, p. 247).

A espécie humana é a única no mundo que precisa desenvolver ou criar meios para satisfazer suas necessidades, daí o ser humano torna-se responsável para cuidar de tudo para manter e preservar o mundo e seus recursos, pois as outras coisas são independentes, ou seja, se refazem por sua própria natureza. O homem é explorador. E se for utilizar dos recursos naturais sem consciência, poderá causar danos ao meio ambiente, como vem acontecendo. Animais estão extintos, florestas

estão sendo destruídas, a temperatura do planeta está alterada, o ar está poluído, as águas contaminadas e o próprio ser humano tratado como meio, e não como fim.

Segundo Boff (2008), o descuido com o planeta Terra causa danos ao próprio homem. Muitos por ganância, exploram os recursos naturais sem pensar nas consequências prejudiciais a si mesmo e aos outros.

O ser humano, como ser de cuidado, torna-se responsável, não por si e pelos seus semelhantes, mas por toda a casa comum, deve cuidar de tudo e de todos. Assim, enquanto parte desse “sistema vital”, ciente de sua presença e ação no meio de outros seres vivos, não pode emitir e nem negligenciar essa responsabilidade (BOFF, 2008).

O contexto atual exige uma nova e responsável postura da humanidade que estimule uma nova cultura e uma nova consciência frente às ameaças ao meio ambiente.

Leonardo Boff (2008), apresenta nove princípios de sustentabilidade, em sua obra *Saber cuidar Ética do humano - compaixão pela terra*, apontados pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNU-MA), pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), como estratégia para o futuro da vida. No tópico: “*Cuidando do planeta Terra*”, afirma:

1º Construir uma sociedade sustentável; 2º Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos; 3º Melhorar a qualidade da vida humana; 4º Conservar a vitalidade e diversidade do planeta Terra; 5º Permanecer nos limites de capacidade dos suportes do planeta Terra; 6º Modificar atitudes e práticas pessoais; 7º Permitir que as comunidades cuidem do seu próprio meio ambiente; 8º Gerar uma estrutura para o desenvolvimento e conservação; e 9º Construir uma aliança global (BOFF, 2008, p.134).

Estes princípios, de acordo com Boff (2008), garantem a sustentabilidade e remetem ao cuidado com o planeta, promovendo uma ética sustentável, aplicável tanto internacionalmente, quanto nacionalmente e, também, individualmente. Entende-se por sustentabilidade, aquilo que é produzido suficientemente para si e para os outros seres dos ecossistemas.

Somente aplicando a ética do cuidado, segundo Boff (2008), o ser humano poderá resguardar-se das consequências perigosas que ronda sua vida, e só ele poderá preservar sua integridade física, a vida do planeta e a do outro. Ser agente de responsabilidade social é cuidar de toda organização social, ambiental e

institucional. É cuidar para que todos os seres humanos tenham dignidade e sejam, também, colaboradores na preservação da vida no planeta em seus diversos habitats.

De acordo com Boff (2011), o cuidado é condição prévia do amor e que orienta o comportamento humano livre e responsável, pois o cuidado é gesto de amor para com a realidade, que protege, traz serenidade e paz. Mas muitos preferem se omitir deste compromisso, mas no fundo sabem que o meio em que vivem e as relações que mantêm são de sua própria responsabilidade.

A responsabilidade é vista por Hans Jonas (2006), como um norteador que possibilita o ser humano buscar meios para viver uma vida digna e ter orgulho de ser reconhecido como ser humano. Sung e Silva (2009) afirmam que a responsabilidade nasce do espaço de liberdade que o ser humano tem, pois está em suas mãos o futuro de toda humanidade.

A crítica que Hans Jonas (2006) faz ao modelo ético existe na sua época é que a ética tradicional era fundada dentro dos limites humanos e não era afetada pelas coisas extras humanas, ou seja, a natureza era por si só e o homem não tinha nenhuma responsabilidade sobre ela. Jonas (2006), então, propõe uma nova teoria da responsabilidade constituídas na categoria do bem, do dever e do ser, tendo como modelo a relação pais-filhos.

O novo modelo ético proposto por Hans Jonas (2006) resulta na autenticidade da vida humana, constituída pelos efeitos da ação, ou seja, não colocar em riscos a durabilidade humanidade sobre a terra. Jonas (2006, p. 18) não está pensando simplesmente na condição física da humanidade, “[...] mas sim na morte da essência do homem, aquela que advém da desconstrução e a aleatória reconstrução tecnológica do homem e do meio ambiente”.

Este pensador indica uma interação entre a pesquisa e o poder que modifica a configuração da ciência, causando um conhecimento anônimo que não obedece a função do saber na história da humanidade incorporada nas consciências e que busca uma melhor qualidade de vida para o homem (JONAS, 2006).

Para Hans Jonas (2006) a condição da responsabilidade é o poder causal. O indivíduo é responsável por suas ações e suas consequências, compreendido pelo ponto de vista não moral, pois, caso haja algum dano, o indivíduo deve repará-lo

mesmo que suas consequências não tenha sido previstas nem que a causa seja compreendida como uma atitude má, o que importa é que seja de causa ativa.

Há, porém, segundo Hans Jonas (2006), uma noção de responsabilidade da qual o ser humano sente-se responsável, não por suas condutas ou consequências, mas pelo objeto que causa o agir. Esta responsabilidade é pelo bem estar de outros, pois essa determinada ação não é apenas uma aceitação moral, mas também determinam atos que não possuem outros objetivos.

Portanto, para Hans Jonas (2006), o ser humano só pode ser responsável porque é livre e essa responsabilidade é a qualidade da resposta que ele pode assumir as consequências de seus atos perante ao outro e ao meio em que vive. Ao assumir a responsabilidade do compromisso que fazemos os indivíduos tornam-se seres mais morais e humanos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um processo de constituição social, cada indivíduo torna-se um agente cuidador e responsável. Não basta deixar a cargo do poder público e/ou de outras pessoas. Cada um de nós tem um papel fundamental na sociedade e, a partir de nós mesmos, devemos tomar consciência de nosso verdadeiro sentido no mundo, fazendo com que a sociedade se torne mais justa, pois o dever de cuidar de tudo e de todos é de cada um, como compromisso social.

Ao se tornar um ser de relações, o homem deixa a sua natureza animal e se configura como ser social e a partir disso, tudo o que envolve a sociedade é de sua responsabilidade.

Este trabalho desperta um olhar sobre os diversos tipos de comportamentos humanos, os quais podemos perceber em nossa sociedade e discutir sobre os tipos de relações que o ser humano tem, analisando o modo que os indivíduos inserem ou excluem algo do seu convívio social.

Com os resultados apresentados, a ética do cuidado estimula uma reflexão que promove a dignidade das pessoas, possibilita a compreensão do ser humano que se faz dentro da sociedade com outros indivíduos, baseando na responsabilidade social para que todos os cidadãos tenham a preocupação com o bem estar do outro e

estejam dispostos a promover os menos favorecidos dentro e fora das instituições por meio do compromisso ético.

A vida depende de cuidados. Cada indivíduo é incumbido por sua essência a praticar o cuidado, pois o ser humano, além possuir a consciência de que o outro é nossa responsabilidade, é ele quem proporciona dignidade e oportunidade ao outro para que todos possam ser inclusos e colaborem com o desenvolvimento pessoal no convívio social.

O cuidado surge quando as coisas e o outro têm importância para nós ou se ele irá nos beneficiar de algum modo. O desafio existente é tirar essa ideia e colocar o cuidado em prática enfatizando o compromisso de cuidar das coisas e das pessoas, principalmente das menos importantes ou sem importância nenhuma. No momento em que a ética engloba o cuidado, cada membro torna agente do cuidado-ético e visa o bem comum a todos.

É necessário um redescobrimto da diversidade, olhar a biodiversidade como fonte de vida, substituir os padrões atuais que privatizam o bem social e, principalmente, abrir-se aos outros para extinguir a indiferença e apatia, respeitando a consciência e a dignidade alheia e se comprometer com a solidariedade.

É necessário apontar um novo caminho para o ser humano viver bem, numa sociedade com tantas diferenças entre as classes sociais e até mesmo com aqueles que não se enquadram em nenhuma dessas classes, ou seja, aqueles que mesmo estando numa das classes, são ignorados e desprezados por serem considerados inferiores.

Concluimos, desta forma, que o homem pode aplicar e melhorar seu comportamento com relação aos indivíduos que ele pensa não ser de sua responsabilidade. Por meio da ética do cuidado, é possível refletir e adquirir habilidades que desenvolvem o cuidado e a responsabilidade social e buscar, na ética do cuidado, a dignidade para todos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Atena, 1957.

_____. **Ética a Nicômaco**. Aristóteles; tradução e notas: Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015.

BOFF, Leonardo. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUBOIS, Christian. **Heidegger**: introdução a uma leitura. Tradução: Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica; Tradução do alemão: Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

MORAIS, Edenilson. **A teoria de Max Weber**. SlideShare. 03 dez 2012. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Edenilson/a-teoria-de-max-weber>>. Acessado em: 17 de maio de 2019.

ROCHA, Stênio Nunes, **Indivíduos e Sociedade**: que tal discutir essa relação? Medium, São Francisco, 8 abril/2014. Disponível em: <<https://medium.com/@frankwcl/individuos-e-sociedade-que-tal-discutir-essa-relacao-6c8fa7e687fd>>. Acessado em: 25 abr 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**; Tradução: Rolando Roque da Silva. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores: 2002.

SOUZA, Ricardo Timm; FARIAS, André Brayner; FABRI, Marcelo (organizadores). **Alteridade e ética**: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido. **Conversando sobre ética e sociedade**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia IV**: introdução à ética filosófica 1; São Paulo: Loyola, 1999.

VERGNIÈRES, Solange. **Ética e política em Aristóteles**: physis, ethos, nomos; tradução: Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 1998.